

## As Direitas na América Latina - resenha do livro “The Resilience of the Latin American Right”

### The Right-wing in Latin America - review of the book "The Resilience of the Latin American Right"

FRIDERICHS, Lidiane<sup>1</sup>

O livro “The resilience of the Latin American Right”, organizado por Juan Pablo Luna e Cristóbal Rovira Kaltwasser, pesquisadores respectivamente da Pontificia Universidad Católica de Chile e da Universidad Diego Portales, também do Chile, reúne uma série de artigos de pesquisadores de diversos países do continente americano e um da Inglaterra. Lançado em 2014 pela editora Johns Hopkins University Press, discute as formas de atuação, práticas e discursos das direitas latino-americanas a partir dos anos 2000 até aproximadamente 2014, e do que ficou conhecido como giro à esquerda ou onda rosa. Esse período se caracteriza pela ascensão dos partidos de esquerda e centro-esquerda na região, como uma forma de reação/resposta as políticas neoliberais implantadas nos anos 1980 e 1990, e o crescente descontentamento com o projeto de modernização conservadora (caracterizada pela defesa da democracia eleitoral e da economia de mercado) concretizada pela direita a partir das redemocratizações políticas ocorridas nos anos 1980.

No início do século XXI os estudos sobre a ascensão das esquerdas eram predominantes na América Latina. Nesse sentido, os autores apontam a necessidade de entender a resiliência das direitas, ou seja, sua capacidade de adaptação e resistência num período em que suas propostas perderam espaço e predominância. Influência essa que, por mais reduzida que fosse, não pode ser ignorada. Esse livro, portanto, traz excelentes e atualizadas análises para compreender, em perspectiva comparada, os mecanismos de atuação e a capacidade das direitas de moldar e influenciar os resultados das políticas latino-americanas. Seja “by building political parties that are well represented in congress, using the mass media to shape the public agenda, mobilizing experts and technocrats to shape the policy-making process, funding electoral campaigns, or lobby in elected officials (LUNA, KALTWASSER, 2014, p.2)”. A resiliência e as manobras da direita ajudam a explicar a retomada do poder por grupos conservadores em muitos países da região, seja por meios eleitorais, como é o caso da Argentina com Mauricio Macri, seja por golpes brancos, como foi o caso do impeachment de Dilma Rousseff, no Brasil em 2016, e de Fernando Lugo no

---

<sup>1</sup>Licenciada em História pela FURG, Mestra em História pela UFPel e Doutoranda em História pela Unisinos. Bolsista Capes. E-mail: lidifridrichs@gmail.com

Paraguai em 2012, ou por golpes militares (e judiciais) como o ocorrido em Honduras em 2009, contra Manuel Zelaya.

O livro é dividido em 4 partes e contém 13 artigos. A primeira seção apresenta uma definição de direita e compara as alternativas existentes de como interpretá-las. Na segunda, se discute as dificuldades da direita em vencer os processos eleitorais da América Latina contemporânea, fato que está diretamente relacionado aos níveis de desigualdade econômica predominantes na região. Na terceira, se aborda como as forças de direita se estruturaram para defender seus interesses num período de dificuldade política. Foram elencadas três estratégias: engajar-se na representação de interesses através de meios não-eleitorais; envolver-se na política eleitoral via o desenvolvimento de veículos eleitorais não partidários ou *anti-establishment*; e trabalhar na construção de um partido. Na quarta, se apresenta a ambivalente relação da direita latino-americana com a democracia política e como ela tem sido estudada até agora.

Na introdução, os organizadores estabelecem uma definição de “direita”, a qual será adotada pelos demais autores e guiará a análise dos artigos. Para Luna e Kaltwasser, a melhor conceituação para diferenciar esquerda e direita foi a formulada pelo politólogo italiano Norberto Bobbio, para ele, os termos devem ser entendidos como antitéticos e mutuamente excludentes, só fazendo sentido em comparação e oposição ao outro. A definição dos campos não é constante, variam de acordo com o tempo e o espaço e dependem do contexto nacional e histórico em que estão inseridos. Assim, a distinção entre esquerda e direita é baseada na concepção e no ideal da igualdade. As direitas concebem as desigualdades como naturais e de difícil (ou não conveniente) erradicação; já as esquerdas consideram que as desigualdades são construídas socialmente e devem ser alvo das mudanças sociais. Ao analisar o eixo esquerda-direita como um conflito ideológico entre diferentes atitudes em relação à igualdade, Bobbio assume que podem existir outros conflitos ortogonais à distinção. Dessa forma, ele toma o autoritarismo como um exemplo, porque ele pode ser defendido tanto por ditadores de esquerda (Castro em Cuba), como por ditadores de direita (Pinochet no Chile).

Longe de querer estabelecer uma definição estagnada, os autores, concordando com Detlef Jahn indicam que esta conceituação tem a vantagem de fornecer uma definição de esquerda e direita que seja válida e estável ao longo do tempo e do contexto, mas ao mesmo tempo deve ser complementada com outros elementos para explicar as particularidades do eixo esquerda-direita em países e períodos específicos.

Os autores ainda diferem os tipos possíveis de interpretação que podem ser utilizadas para estudar as direitas: abordagem ideológica; aquelas referentes as posições políticas; e a sociológica. 1) As definições ideológicas, as quais os autores mais se identificam, se refere a crença enraizada de que as principais desigualdades entre as pessoas são naturais e fora do alcance do Estado. 2) Pressupõe que a distinção entre esquerda e direita diz respeito as posições políticas sobre questões econômicas e/ou

valores morais.3) Define a direita em termos sociológicos, isto é, com base nos seus partidos constituintes centrais e nas suas bases eleitorais.

A primeira parte do livro – *The Contemporary Context* – contém dois artigos: No capítulo 1, “Democracy, free markets, and the rightist dilemma in Latin America”, Kenneth M. Roberts, faz um histórico da atuação da direita nas últimas décadas. A predominância conservadora na América Latina pareceu intocável por grande parte da década de 1990, no entanto, durante a primeira década do século XXI, a direita política entrou em defensiva na região. Nas décadas de 1960 e 1970, os grupos conservadores da América Latina impulsionaram e apoiaram Golpes de Estado e Ditaduras civil-militares no intuito de reprimir rivais esquerdistas e defender o *status quo*. Nos anos 1990, as elites temiam menos a competição democrática e a direita distanciou-se das saídas intervencionistas e autoritárias, enquanto a esquerda foi mais capaz de fazer amplas coligações para reformas econômicas e sociais. A partir das redemocratizações, ocorridas na década de 1980, as reformas neoliberais foram implantadas em toda a América Latina, essas isolaram a formulação das políticas macroeconômicas da pressão da sociedade e da contestação democrática.

A virada à esquerda, no início dos anos 2000, inaugurou uma gama diversificada de presidentes na Argentina, Chile, Brasil, Uruguai, Nicarágua, El Salvador, Venezuela, Equador, Paraguai, Peru e Bolívia. Vários desses governos foram surpreendentemente moderados, especialmente em países onde os partidos centristas ou conservadoras permaneceram viáveis contendores na arena democrática, como no Brasil, Chile, Uruguai e El Salvador. Já na Argentina, Bolívia, Equador e Venezuela, os governos esquerdistas têm sido mais inclinados a romper com a ortodoxia neoliberal em ambas esferas da política macroeconômica e social.

O segundo artigo, nomeado “Profiling the electorate: ideology and attitudes of right wing voters”, de Nina Wiesehomeier e David Doyle, utiliza os dados da Latin American Public Opinion Project (LAPOP) - pesquisa de opinião pública realizada em 2010. Por esse instrumento os autores analisam como os eleitores se posicionam dentro do espectro ideológico da esquerda-direita e como interpretam questões como desigualdade, papel do Estado, autoritarismo, criminalidade, segurança pública, democracia, entre outras. O eleitorado latino-americano, independente de sua ideologia, considera a criminalidade e a segurança pública como uma das questões mais graves que a região enfrenta atualmente. Os dados sugerem que os partidos de direita aproveitam a preocupação dos eleitores com essas questões para ganhar apoio além do seu núcleo constitutivo, o qual tem potencial de superar a clivagem geral esquerda-direita e esvaziar as tradicionais campanhas baseadas nas questões distributivas da esquerda, sugerindo que as ameaças à segurança e a prevenção da criminalidade são questões de valência que atravessam clivagens ideológicas e são ortogonais à divisão esquerda-direita.

A segunda parte do livro - *The nonelectoral right* – é constituída por três artigos. O capítulo 3, “New strategies of the Latin American right: beyond parties and elections”, de Kent Eaton, tem uma importância central para o livro, porque trata das estratégias

não eleitorais e não partidárias da direita para influenciar a política na América Latina. Para o autor, o conteúdo destas estratégias parece ter mudado na última década em resposta aos novos desafios que a direita enfrenta, os quais têm sido particularmente agudos em alguns países, como a Argentina, Bolívia, Equador e Venezuela. Eaton elenca e identifica três tipos de estratégias: (1) as que visam as instituições estatais, (2) as que se concentram na sociedade civil, e (3) as que enfatizam a importância da formação de identidades.

A primeira inclui as tentativas de defender as instituições representativas liberais das formas mais diretas de democracia que proliferaram recentemente nos governos de esquerda, tentando proteger os papéis constitucionais desempenhados por legislaturas eleitas. A sociedade civil também continua a ser uma arena importante para a direita, pois além das já conhecidas artimanhas de patrocinar e possuir fundações, centros de pesquisa e meios de comunicação, na última década também, inovou seu repertório, imitando os tipos de comportamentos associados aos movimentos sociais de esquerda, participando de protestos, comícios de massa, bloqueios de estradas e coordenando outras formas de ação direta. De uma forma ainda mais profunda, a direita também entrou na política de formação de identidades, tentando se afastar dos conflitos de classes e mudando os termos de luta para formar ou salientar identidades territoriais e setoriais, políticas que lhe dão uma chance maior de sucesso contra a esquerda. A estratégia tem sido engajar-se em práticas discursivas e retóricas que procuram transformar identidades políticas.

O Capítulo 4 –“The right and non party forms of representation and participation: Bolivia and Ecuador compared”, de James D. Bowen, debate as formas não partidárias de influenciar o processo político, na Bolívia e no Equador. Ambos os países têm uma longa história de instabilidade política e partidos frágeis, e ambos experimentaram o enfraquecimento e até o desaparecimento da maioria dos partidos tradicionais. Na Bolívia, onde as reformas neoliberais foram implementadas de forma mais completa, a rejeição do governo de Evo Morales foi quase absoluta, e as táticas implementadas pela direita corresponderam a uma abordagem extrema e agressiva para mudar o governo existente. No Equador, em contraste, as reformas neoliberais foram tardias e relativamente fracas, elas tiveram certa resistência por parte das elites empresariais que dependiam de proteção estatal. Embora a retórica da direita seja quase universalmente antiRafael Correa, houve uma cooperação significativa em várias áreas e uma oposição mais amena do que aquela realizada na Bolívia.

O Capítulo 5–“The authoritarian roots of new right party success in LatinAmerica”, de James Loxton, discute a relação entre a direita eleitoral e a direita não democrática, a partir da formação de novos partidos na América Latina no meio da terceira onda de democratização. Nas décadas de 1980 e 1990, a transição para a democracia foi acompanhada por uma explosão sem precedentes do ativismo eleitoral de direita. Os sucessores autoritários desses partidos (como a ARENA em El Salvador, UDI no Chile, ADN na Bolívia, PFL no Brasil, UCEDE na Argentina, ML no Peru, MOLIRENA no Panamá e PAN na Guatemala) herdaram uma série de valiosos recursos das antigas ditaduras que podem ajudá-los a prosperar sob a democracia, incluindo redes

clientelistas, infraestrutura organizacional, relações privilegiadas com elites empresariais, etc.

A terceira parte do livro – *The electoral, nonpartisan right* – também é composta por três artigos. No capítulo 6, “From right Populism in the 1990s to left populism in the 2000s – and back again?”, Cristóbal Rovira Kaltwasser, faz uma análise dos governos populistas de direita da América Latina na década de 1990. Os governos de Carlos Menem na Argentina (1989-99), Fernando Collor de Mello no Brasil (1990-92) e Alberto Fujimori no Peru (1990-2000) são exemplos do populismo de direita. Esses líderes atacaram a elite e o *establishment*, prometendo formar um governo para “as pessoas”. Uma vez no poder, promulgaram programas de reformas neoliberais que eram qualquer coisa, exceto populares, as quais tenderam a prejudicar a maioria da população. Desses, apenas Collor desenvolveu um programa neoliberal em sua campanha, em contraste, as campanhas de Fujimori e Menem foram baseadas em um programa econômico ambíguo, mas não neoliberal.

No capítulo 7, “Is there a right track in post-party system collapse scenarios? Comparing the Andean countries”, Carlos Meléndez, identifica as condições que determinaram o fracasso e o sucesso eleitoral de organizações de direita na região Andina. Desde a ruptura dos sistemas partidários na região Andina, a literatura caracterizou seus regimes políticos como “democracias sem partidos”, esta crise foi historicamente remediada de forma personalista: *outsiders* e antipartidários alcançaram a popularidade após a decadência da política partidária formal.

No capítulo 8 – “Colombia: analyzing the strategies for political action of Álvaro Uribe’s government, 2002-10”, Laura Wills-Otero, analisa os dois governos consecutivos de Álvaro Uribe que venceu as eleições presidenciais de 2002 e 2006. Este governo é um exemplo de como a direita na Colômbia encontrou terreno fértil para vitórias eleitorais, o conflito armado entre o governo e os grupos de guerrilha de esquerda, bem como a fraqueza histórica da esquerda partidária foram alguns dos fatores que permitiram que a direita fosse bem sucedida por um longo período de tempo nesse país.

A quarta parte do livro – *The Partisan Right* – contém cinco artigos. O capítulo 9, “Mexico: the Partido Acción Nacional as a right party”, de Steven T. Wuhs, descreve o desenvolvimento e a transformação do PAN como um partido de direita ao longo do século XX e seus contornos atuais na política mexicana. O capítulo 10 – “Chile: the right’s evolution from democracy to authoritarianism and back again”, de Peter M. Siavelis, discute o desenvolvimento e a evolução dos partidos de direita no Chile e analisa suas diferentes origens, lideranças, estrutura, orientação, bases ideológicas e eleitorais. O capítulo 11 – “El Salvador: societal cleavages, strategic elites, and the success of the right”, de Riitta-Ilona Koivumäki, examina o desenvolvimento do principal partido de El Salvador – ARENA - na década de 1980 e início da década de 1990, suas bases eleitorais, sociais e seus programas ideológicos e partidários. O capítulo 12 – “Brazil: explaining the rise and decline of the conservatives”, de Alfred P. Montero, analisa o declínio da influência conservadora na política brasileira, no começo do século XXI. Apesar do predomínio que a direita teve nas instituições e nos

governos brasileiros, a erosão de sua posição no nível subnacional (Estados e municípios), e especialmente a redução de políticos tradicionais eleitos nos Estados do Norte e Nordeste, apontaram para uma mudança na democracia conservadora. O capítulo 13 –“Argentina: the difficulties of the partisan right and the case of Propuesta Republicana”, de Sergio Morresi e Gabriel Vommaro, analisa o crescimento do partido de direita *Propuesta Republicana* (PRO) na Argentina, explorando o cenário de crise pós-2001, o peso das políticas subnacionais na Argentina e o lugar do PRO no espaço político argentino.

O presente livro, portanto, é uma leitura obrigatória para quem trabalha com história das direitas ou com história política do tempo presente. Além de indicar uma definição consistente para se definir as direitas, aponta caminhos metodológicos para sua análise e apresenta alguns bancos de dados latino-americanos que podem render boas pesquisas. Compreender a atuação política nas direitas das últimas décadas e sua capacidade de maleabilidade frente a adversidades eleitorais é fundamental para aprofundar a complexidade política vivida nos últimos anos na América Latina.

## Referências

BOBBIO, Norberto. Derecha e Izquierda. Razones y significados de una distinción política. Buenos Aires: Taurus, 1995.

JAHN, Detlef. Conceptualizing Left and Right in Comparative Politics: Towards a Deductive Approach. *Party Politics*, 17, nº 6, 2011, p.745-65

LUNA, Juan Pablo; KALTWASSER, Cristóbal Rovira (Comp.). The resilience of the Latin American Right. Batimore: Johns Hopkins University Press, 2014.